

ARCELONI NEUSA VOLPATO

Graduada em Letras (Português e Inglês e respectivas Literaturas). Mestrado em Linguística - UFSC. Doutorado em Linguística - UFSC / Universidade de Lisboa. Unifacvest, Mestrado em Letras. UNINGÁ, Assessoria de Pesquisa e Inovação

DANIELA FERREIRA CORREIA DA SILVA

Graduada em Enfermagem, Mestre em Promoção da Saúde, doutoranda em Educação. Diretora de Educação a distância na UNINGÁ

IZABEL CRISTINA DE FEIJO ANDRADE

Graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação. Diretora do ICEP. Professora dos Centros Universitários Municipal de São José USJ e do Ingá UNINGÁ

NEY STIVAL

Graduado em Letras e Fonoaudiologia, Mestre em Distúrbios da Comunicação. Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNINGÁ

A UNINGÁ ASSUME NOVOS DESAFIOS: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Resumo: O texto apresenta um breve histórico sobre o desenvolvimento da educação a distância no mundo e no Brasil. Reflete sobre o tema, apresentando características sobre a modalidade assim como algumas teorias que embasam o modelo adotado pelo Centro Universitário Ingá.

Palavras-chave: Educação a distância; EaD; História da Educação a Distância; Características da EaD; Modelo Uningá.

INTRODUÇÃO

Em 1996 novos tempos iniciaram na educação brasileira. Foi promulgada o decreto 5.622 em 2005 que regulamenta o artigo 80 da LDB/1996 que iniciava a corrida para a Educação a Distância nas terras brasileiras. O Brasil se alinhava a países como Reino Unido, com a sua *Open University*, a Espanha com a sua *Universidad Aberta* e a Portugal com a sua também Universidade Aberta, que na década de 80 e 90 possuía mais alunos inscritos em seus cursos do que cidadãos portugueses morando em território português. Países com uma ampla experiência de levar conhecimento ao seu povo, inclusive aos seus conterrâneos que vivem d'além mar.

Assim é a Educação a distância: amplia a oportunidade de se levar formação e conhecimento a todos os interessados em estudar, de forma democrática. Sistemática e sistematizada, ela oportuniza aos alunos estudarem no momento e local que mais lhe aprouverem. Os alunos determinam o seu *hic et nunc* com a possibilidade de um aproveitamento de cem por cento do que o material impresso associado ao ambiente virtual propiciam. Todavia, o próprio estudante pode buscar uma expansão do que lhe está sendo ofertado, baseado no que está aprendendo ou aos estímulos de *para saber mais* que este encontra no material impresso aliado ao ambiente virtual de aprendizagem ou se fizer uma pesquisa nas bibliotecas virtuais ou na própria internet aberta.

Em oposição ao que o estudante da educação presencial pode vivenciar, a quem é facultado o direito de estar ausente das aulas 25%. Então, na modalidade presencial basta ter contato com 75% do conteúdo e ainda assim satisfazer a legislação em vigor. E podemos considerar ainda no percentual de presença entradas tardias e saídas precoces. Então, a conclusão é que o estudante presencial precisa apenas aprender 75% do conhecimento da matriz que está cursando. Entretanto, ainda podemos considerar que o estudante, sentado em sua cadeira discente, pode estar apenas de corpo presente à aula, mas o ser aprendente divaga em outras coordenadas, navegando em lembranças ou preocupações, diversos distratores, enfim. O estudante a distância senta e estuda e deve integralizar 100% do conhecimento e atividades propostas a ele no programa escolhido. Ele é desafiado a aprender a aprender.

A dinâmica da EaD é descentrada do professor protagonista, detentor do conhecimento que por anos perspassa as atividades das práticas docentes, tão marcada na modalidade presencial com o ser que ensina e o ser que aprende. Desta forma, torna-se um desafio implantar e implementar com qualidade um projeto de EaD. Pois temos que atuar na mudança de paradigma da cultura de uma instituição que por anos foi presencial. Temos que manter e aprimorar os cursos implantados, com a qualidade alcançada, modernizá-los e aprimorá-los, estando conectados com os crescentes movimentos e mudanças que a tecnologia tem buscado incorporar a estes cursos no seu fazer na modalidade presencial. Implantar os 20% da cota a distância permitida pela legislação.

Mais que isso, incentivado e fomentado pelos padrões de qualidade estabelecidos pelos nossos norteadores federais. E temos que aquiescer ao desafio da EaD, decorrente do próprio processo de amadurecimento institucional que exige de si própria que alce voos mais altos decorrentes desta maturidade e da experiência construída na jornada até agora percorrida. Enfim, a Uningá lança sua EaD com a oferta de 41 cursos de graduação e 21 cursos de especialização nível *lato sensu*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO MUNDO

O tema Educação a Distância pode ser contemplado desde os tempos bíblicos com as Epístolas de São Paulo, posteriormente com as Cartas de Platão e contemporaneamente, em meados do século XX, impulsionado pelos avanços nas telecomunicações nos últimos tempos, iniciado com Gutemberg, passando por Morse e chegando em Graham Bell, com a invenção do telefone.

Na II Guerra Mundial deu-se com a necessidade de treinamento dos recrutas, quando a EaD foi então sistematizada. Esta sistematização ocorre quando o método foi aplicado tanto para a recuperação social dos vencidos egressos desta guerra, quanto para o desenvolvimento de novas capacidades profissionais para uma população oriunda do êxodo rural. A Educação a Distância, entretanto, não ficou restrita ao momento pós-guerra. Foi amplamente utilizada por países como:

Revista Científica FATECIE – Paranavaí-PR, v.2, n.2, p. 203-211, Dez.2017.

Inglaterra, Austrália, Canadá e Suécia e tantos outros para difundir o ensino. Países como: Venezuela e Colômbia na América Latina, Índia e Coreia do Sul, em outros continentes, fizeram uso desta estratégia, buscando a minimização de seus problemas sociais como o seu maior objetivo. Atualmente, mais de 80 países atendem milhares de pessoas, com sistemas de ensino a distância em todos os níveis, em sistemas formais e não formais.

2.1.1 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

A EaD surge em 1939 no Brasil com a criação do Instituto Rádio Monitor, e na sequência de experiências do IUB - Instituto Universal Brasileiro, a partir de 1941. Na década de 50, outras instituições, motivadas pela necessidade de democratizar o saber e tomando como realidade as dimensões continentais brasileiras, passaram a fazer uso do *ensino a distância* via correspondência. Os anos 60 assistiram ao auge do IUB, seguido de uma série de outras iniciativas nacionais: SENAR, SENAC, SENAI, que tinham nesta estratégia o escopo da capacitação de trabalhadores, com a sua profissionalização ou o aperfeiçoamento de habilidades e competências. As experiências sobre Educação a Distância abriram caminhos que permitiram o desenvolvimento de projetos consistentes: como “Verso e Reverso”, “Educando o Educador”, da Fundação Educar (1988); “Um salto para o Futuro”, da Fundação Roquete Pinto (1991), além de outros ligados principalmente ao desenvolvimento das investigações universitárias.

3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: TECENDO REFLEXÕES

Contemporaneamente, a EaD enfatiza o uso de diversas TIC's - tecnologias de comunicação e informação, abrindo um leque de opções interativas, atuando para o desenvolvimento humano e profissional. Isto permite a verdadeira democratização do saber. Estas opções interativas se concretizam pelo uso de mídias variadas que minimizam os custos e facilitam o acesso geográfico. Esta modalidade de Educação vem, assim, atender as tendências do mundo contemporâneo, onde fazer uso de vários meios para propagar o conhecimento, permite que o ser humano determine o **como**, o **quando** e o **onde** aprender.

O Centro Universitário Ingá – UNINGÁ - consciente deste fato, atento ao seu engajamento social e sintonizado com as correntes filosóficas de educação crítica,

face as atuais exigências de mercado, alia-se às modernas tendências de mídias interativas e propõe-se a desenvolver a estratégia de Educação a Distância, visando atingir perspectivas de cunho cultural, pedagógico, tecnológico, sócio-político e econômico, expandindo o ensino superior e a especialização profissional a dimensão continental do país.

No que tange à perspectiva cultural, pretende-se romper um paradigma tradicional de educação, apresentando uma proposta que conduza a projetos de educação permanente, contínua, de maneira a provocar uma mudança no comportamento social e profissional.

Desta forma, sócio-politicamente, a proposta vem oportunizar à comunidade a vivência da Educação a Distância, inserida nos padrões da abordagem atual e difundidas pelas novas tecnologias.

As vantagens propiciadas aos alunos por esta estratégia, no que diz respeito ao aspecto social são inúmeras, entre elas:

- democratizar o saber, em virtude do acesso facilitado as fontes geradoras de conhecimento;
- determinar a própria rotina de estudos, flexibilizando a auto-aprendizagem;
- determinar o ritmo de construção do conhecimento, permitindo-se sujeito ativo, explorando de forma ilimitada o potencial individual;
- oportunizar atendimento e crescimento personalizado;
- proporcionar independência espaço-temporal, evitando os deslocamentos da residência, local de trabalho ao local de estudo, inclusive em um viés de sustentabilidade;
- possibilitar a aprendizagem na concepção de educação permanente;

As vantagens apontadas, economicamente, pela perspectiva sócio-política se revestem de um caráter de redução de custos para os alunos. Em virtude da não presencialidade, o investimento extra com alimentação, hospedagem e deslocamentos passa a ser minimizado ou evitado. Por outro lado, estas vantagens beneficiam maior convívio social e familiar.

Sob o ponto de vista da perspectiva tecnológica, a UNINGÁ conta hoje, decorrente de sua caminhada no ensino, na pesquisa e na extensão, com manancial

de conhecimento humano especializado e equipamento técnico, composto por estúdios e laboratórios modernos. Essa tecnologia disponível embasa a produção e elaboração de material, em diversas mídias, ao mesmo tempo que permite toda a dinâmica didática de assessoramento e a veiculação da disciplina e de seus cursos. Sob esta perspectiva, enfatiza-se o uso da tecnologia: equipamentos e métodos, potencializando o aprendizado.

E, finalmente, quanto à perspectiva pedagógica, pretende-se que o aluno integre-se à linhas e estratégias de educação crítica, que privilegia uma abordagem construtivista de aprendizagem, contemplando a compreensão, apropriação e desenvolvimento de habilidades exigidas pelo atual paradigma em termos de perfil profissional tais como: criatividade, raciocínio crítico, qualidade de / nas ações, caráter integrador na dinâmica das relações que estabelece parcerias, cooperação em geral em atividades em grupo, coworking, habilidades empreendedoras e de auto-gestão, por exemplo.

Fundamentada nesta concepção crítica das relações entre educação, sociedade e trabalho, a UNINGÁ, sintonizada com as tendências educativo-laborais deste milênio, entende que educar para a contemporaneidade é uma das metas mais significativas e complexas da educação neste início de século. Desenvolver cidadãos esclarecidos, que busquem interação harmônica com a ecologia das relações intra e inter pessoais, da forma mais consciente possível, implica em ressaltar a necessidade de rever o processo educativo em sua totalidade, inclusive olhando para as metodologias ativas, alinhando-as e incorporando-as a práxis docente de seus educadores nas suas atividades de ensino. Assim como toma para si a investigação de novas metodologias nas práticas pedagógicas que desenvolve e investiga. Parte-se da premissa de que, a cada tipo de educação, corresponde uma determinada concepção filosófica e uma determinada prática de comunicação.

A educação se vê, assim, assediada por múltiplos problemas que, em consonância com a sociedade onde está inserida, exige redefinição do seu papel e o dos personagens que neste espaço se movem.

As pressões externas do mercado, a ansiedade de um mundo provocada por competições geradas pelo fenômeno da informação instantânea, assim como o aceleração da tentativa de sobrevivência, a imprevisibilidade, a empregabilidade,

entre tantos outros fenômenos, são alguns dos caminhos cruzados que traçam o mapa educativo.

Neste contexto, o papel de todos os que fazem educação sofre redimensionamentos. A realidade de mundo que vivemos exige que muitos dos valores da educação tradicional, fundamentados no saber do Mestre, sejam substituídos por valores emergentes de uma sociedade que começa gradativamente a legitimar o saber, o saber fazer e o saber ser do grupo, assessorados por alguém do próprio grupo. É nessa concepção que a realidade da educação tradicional se contrapõe aos espaços educativos no qual estamos inseridos. Enquanto a educação tradicional se caracteriza pela ação centralizadora de alguém que ensina e que faz do receptor o mero depositário de quem diz ser a “fonte da verdade”: o mestre, a educação, no modelo atual, exige a substituição da centralização pelo compartilhamento das informações, da pesquisa conjunta, dos resultados alcançados pelo esforço comum. Fugir do convencional e partir para algo mais problematizador, mais reflexivo, é a proposta deste paradigma, onde aprender é, portanto, muito mais amplo do que meramente ensinar.

Ensinar, segundo Rogers (1986), só tem sentido em um mundo imutável, em uma sociedade primitiva, estagnada. Em um mundo que vive o aceleração das mudanças, propõe-se a facilitar a aprendizagem, a mudança. Ainda segundo Rogers (*idem*), o homem educado é aquele que aprendeu como aprender, como adaptar-se ou gerar mudanças, ou seja, transformar.

Piaget (1993) afirma que, para que um indivíduo aprenda, é necessário que ele seja o agente de sua aprendizagem. Botkin *et alii* (1979) dizem que: “*a aprendizagem é um enfoque tanto do conhecimento como da vida, o que destaca a iniciativa humana*”. É, ainda, a contribuição para o desenvolvimento da humanidade, segundo Coll (19969), na medida em que “*aprender, não é copiar ou reproduzir a realidade*”. Compreende a aquisição e prática de novas metodologias, novas destrezas, novas atitudes e novos valores, necessários para viver em um mundo em constantes transformações. Portanto, fica claro, que aprender para um mundo cuja ênfase é a imprevisibilidade, a impermanência, não é “*um processo que conduz à acumulação de novos conhecimentos, mas à integração, modificação, estabelecimento de relações e coordenação entre esquemas de conhecimento que*

já possuíamos, dotados de uma certa estrutura e organização que varia, em vínculos e relações, a cada aprendizagem que realizamos “ (Coll 1996: 20),.

A aprendizagem, então, para estes autores, é o processo pelo qual o ser humano se prepara para fazer frente às novas situações. É o resultado de uma atividade do próprio ser humano, que desenvolve estratégias muito próprias para aprender. Ninguém aprende no lugar de outrem. Sob este ponto de vista, não há aprendizagem que não seja uma autoaprendizagem.

Visto por esta ótica, uma das inúmeras formas de utilização da autoaprendizagem é a Educação a Distância, onde ter aprendido, supõe saber atuar diante dos problemas que se apresentam através da realidade cotidiana. Neste caso, parte-se da premissa de que o agente principal da aprendizagem é uma pessoa com características de maturidade (psicológica, sociológica, filosófica, dentre outras características e habilidades), uma vez que passa a responder, neste contexto, de acordo com seus valores. A Educação a Distância, conforme Martínez (1985), é entendida como *“uma estratégia para operacionalizar os princípios e fins da educação permanente e aberta, de tal maneira que qualquer pessoa, independentemente de tempo e espaço, possa converter-se em sujeito protagonista de sua própria aprendizagem, graças ao uso sistemático de materiais educativos, reforçado pelo uso de diferentes meios e formas de comunicação”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, a educação a distância, calcando-se no fomento da busca da autonomia do indivíduo, para fazer frente ao mundo de incertezas, procura desencadear o processo de construção ativa e significativa da aprendizagem, que segundo Ausubel (1972), nos remete ao processo de construção com significado pessoal, mas na qual não intervém apenas o sujeito que aprende. Os “outros” significativos, os agentes culturais, que contribuem como organizadores prévios, são peças imprescindíveis para essa construção, para esse desenvolvimento que se alude. Tais elementos, geram uma postura proativa, satisfazendo internamente, necessidades do ser humano, impulsionado pelos desafios externos que a sociedade impõe para este milênio. Tal concepção nos remete a uma avaliação do

tipo dossiê de acompanhamento, ao mesmo tempo que privilegia uma estratégia que contribua com o desenvolvimento de atitudes, que conduzam a:

- compreender a realidade, vendo-a como um todo, onde cada circunstância tem conexão com outra circunstância, cada fenômeno é provocado por outro fenômeno;
- extrair da própria experiência concreta de vida, um valor, dando significado às coisas, decidindo sem imposições externas, extraindo a essência positiva, o que lhe interessa e o que não lhe interessa;
- agir sobre as circunstâncias, tendo por base os valores livremente constituídos e, por meta, a transformação;
- romper com o imediatismo e tornar sua vontade em algo transformador, do qual nasça o projeto de vida de um homem ou uma mulher, de uma classe, de um povo.

Alicerçados por nossas crenças a luz da ciência, embasados pela investigação cotidiana em nossos diversos espaços de construção de conhecimento e com os recursos tecnológicos estamos prontos a cumprir o desafio. Porque acreditamos na Educação a Distância.

REFERÊNCIAS

ARETIO, Lorenzo Garcia (Coord.). **La Educación a Distancia y la UNED**. Madrid: Impresa. 1996.

BORDENAVE, J. D. & MARTINS, A. **Estratégias de ensino / aprendizagem**. Record, São Paulo. 1980.

BOTKIN, J. **Aprender, horizonte sin límites**. Madrid. Santillana, 1979.

COLL, Cesar e outros. **O Construtivismo na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Ática, 2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky & Bakhtin - Psicologia e Educação: Um Intertexto**. São Paulo: Editora Ática, 2009.